

# Meditação do Outono...

Primeiras folhas do outono! Mirradinhas e pálidas, elas tombando ao sabor do vento, no pó ressequido dos caminhos. Tiram tão lindas, no vico palpitante da florida ramagem e já hoje, caídas, ninguém olha para elas!

Folhas de outono! Todos os anos, a mesma tragédia se repete, mas parece que nenhuma iguala a das folhas que vão caindo a nosso lado, no outono de cada ano...

Abro os jornais do dia. Uma rápida vista de olhos pelas colunas negras de prosa e recortadas de títulos. «Diários» deste, entrevistas daquele, revelações de maior sensação sobre a história da guerra que começa a fazer-se. Fixo o olhar nas gravuras. Imponência de há um ano, recordada de novo para ilustrar a narração.

Caí-me no chapéu e tomba o jornal, uma velha folha do outono. Lado a lado, contemplo a folha caída e as lapresionantes gravuras do jornal.

Himmel, o seu estado maior...  
E avivo a memória.

Hitler, Ciano, Goebbels, Tojo. Hirohito, o deus... Sei lá quantos! Uns suicidaram-se; outros, despojados dos luzentes fardamentos, aguardam, nas celas das prisões, a sentença de morte, depois de ter caído implacável sobre o seu orgulho a sentença do outono. E recordo, anos atrás, a imponente figura de Mussolini, recortada por cima de imensa floresta de pinhetas ou aclamada delirantemente na gloriosa cidade de Milão, onde o seu corpo foi depois exposto ao desprezo insolente da população.

E quando a gente precisa de meditar, não há livro tão belo como os Livros Santos, eco inflamado da lição da natureza.

Recordo então o versículo do Salmista:

*Eu vi o impio no seu apogeu,  
Elevado como os cedros do Líbano.  
Mas passei e já ele não existia,  
Busque-o e não o pude encontrar*

Meditação do outono! Com o cair das folhas, quantas vidas em flor tombam para sempre! Os versos de António Nobre, os olhos vivos dos tuberculosos... Que sensação de amargura as folhas do outono vão produzindo nas vidas que se apagam!

Quantos dos que pisam indiferentes as folhas mortas dos caminhos terão um pensamento de ternura para os que agonizam nos catre dos Hospitais. Mas um dia também nós seremos folhas de outono e quereríamos encontrar então, no nosso olhar o olhar piedoso dum coração amigo.

Assim como fizemos, assim acharemos...

Afinal as folhas mortas são vida de outras folhas. Ao outono sucede, por fim, a primavera. Pujança de vigor, aleluia de vida, harmonia de beleza e de som. Voltam as andorinhas aos seus ninhos, e de novo canta o rouxinol.

E o povo, aprendendo da natureza a sã filosofia, vai repetindo num cântico de esperança: «não há mal que sempre dure...» Bendito aquele que sabe esperar!

Aprendamos a lição da natureza! Pode cair sobre nós o bafo quente do outono. Pode a vida recusar-nos o forte abraço da saúde. Atrás de nós outros surgem. Depois de nós virão outros. Que a nossa vida se transforme à luz desta tragédia, e seja alegre sacrifício em prol dos que não-de vir. As folhas, quando caem, também não ficam totalmente inúteis. Deixam vago o lugar para as folhas novas e, quantas vezes, ainda adubam o terreno donde sairá o vico de outras folhas, afinal, a esperança do futuro.

Trabalhar, imolar a vida pelos outros, sacrificar-se a si mesmo para o maior bem das gerações futuras, eis o supremo cântico do amor. A inocência das crianças, o cristal do seu sorriso, a transparência do seu olhar, que outra coisa são, senão o

Te-Deum do futuro ao sacrifício heroico do passado?!

Aprendamos a lição da natureza, fazendo da nossa vida, vida maior para os outros.

Mas se vivermos no egoísmo, pensando apenas na folha viva que ainda somos, de que servirá a nossa vida?

Os viandantes recordarão o verso da Escritura: «Passei pela manhã e vi-o ainda altivo; voltei ao fim da tarde e já não pôde encontrar-se».

Vida inútil a vida dos egoístas, ninguém desfolhará na sua campina uma só pétala de rosas.

Vida perniciososa a dos soberbos, que não arrancará de coração humano uma lágrima só que seja.

A meditação do outono é meditação de paz! Se houvesse quem meditasse, não voltaria a ensanguentatar-se a terra.

Folhas caídas no pó barrento dos caminhos, cantai o cântico do amor para que ouçam os homens as nossas súplicas de paz.

ABEL VARZIM.